

**N. KRUPSKAYA E A. KOLLONTAI: DIÁLOGOS ACERCA DA AUTONOMIA DA MULHER TRABALHADORA**

**N. KRUPSKAYA Y A. KOLLONTAI: DIÁLOGOS SOBRE LA AUTONOMÍA DE LAS MUJERES TRABAJADORAS**

**N. KRUPSKAYA AND A. KOLLONTAI: DIALOGUES ON THE AUTONOMY OF WORKING-CLASS WOMAN**

DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v13i1.38650>

Aline da Silva Pereira<sup>1</sup>

Elenilce Gomes de Oliveira<sup>2</sup>

**Resumo:** Destaca a militância das líderes socialistas Nadezhda Krupskaya e Alexandra Kollontai em seus contextos de atuação na Rússia Soviética, examinando, de um lado, a condição da mulher e, de outra parte, as fragilidades e os desafios do plano de governo socialista para a superação da opressão de gênero na sociedade em gestação. A investigação, de cunho bibliográfico, recorreu às memórias das duas revolucionárias concluindo que a emancipação da mulher trabalhadora está ligada de maneira indissolúvel à luta de classes e a consumação do socialismo. Elucida que, além da reformulação da produção, é necessária uma nova acepção da relação homem e mulher, permitindo mudanças na vida prática aliada às condições materiais subsidiadas pelo Estado.

**Palavras-chave:** Mulher; Krupskaya; Kollontai.

**Resumen:** Destaca la militancia de las dirigentes socialistas Nadezhda Krupskaya y Alexandra Kollontai en sus contextos de actividad en la Rusia soviética, examinando, por un lado, la condición de la mujer y, por otro, las debilidades y desafíos del plan del gobierno socialista para superar el opresión de género en la sociedad en gestación. La investigación bibliográfica utilizó los recuerdos de las dos revolucionarias, concluyendo que la emancipación de la mujer trabajadora está indisolublemente ligada a la lucha de clases y la consumación del socialismo. Aclara que, además de la reformulación de la producción, es necesaria una nueva comprensión de la relación entre hombre y mujer, que permita cambios en la vida práctica combinados con condiciones materiales subsidiadas por el Estado.

**Palabras clave:** Mujer; Krupskaya; Kollontai

**Abstract:** It highlights the memories and militancy of socialist leaders N. Krupskaya and Alexandra Kollontai in their contexts of activity in the Soviet Russian scenario, examining, on the one hand, the conditions of women and, on the other, the challenges of planning the socialist government for overcome gender relations in society. The investigation, of bibliographic nature, used the memories of the two revolutionaries. We conclude that the emancipation of women is inextricably linked to the struggle and socialism and we clarify that, in addition to the reform of production, a new way of thinking about the relationship between man and woman was necessary, in order to exist changes in practical life combined with material conditions subsidized by the State.

**Keywords:** Woman; Kollontai; Krupskaya.

### *Introdução*

O plano de governo soviético para a superação das relações opressoras de gênero na sociedade socialista em construção representou um caminho para a igualdade de direitos entre homens e mulheres? Por que foi necessário criar condições para a plena emancipação das mulheres trabalhadoras garantindo proteção e amparo à maternidade e a prostituição? Sobre essas e outras questões que envolvem a mulher trabalhadora na Rússia soviética, Krupskaya e Kollontai teceram importantes contribuições teóricas e práticas. Este trabalho objetiva dialogar acerca das contribuições práticas e teóricas das militantes e ressaltar elementos imprescindíveis à libertação das mulheres trabalhadoras, propiciando importantes reflexões acerca da autonomia das mulheres tanto no contexto revolucionário russo quanto atualmente.

A abordagem da temática requer compreensão dos fundamentos da exploração da mulher na estrutura familiar em que viveram as retrocitadas revolucionárias, pois, tanto as mulheres burguesas quanto as mulheres operárias enfrentavam opressão no âmbito familiar.

A família patriarcal simboliza a dominação e a hierarquia do capital e reproduz internamente o controle de valores que são reforçados por instituições como a igreja e a escola. O controle desse sistema de subjugação recai fortemente sobre a figura da mulher. Na sociedade capitalista, os arquétipos que constituem a família, escudam o modelo de divisão de classes e engessam os indivíduos, mantendo-os sob o domínio incontestável da hierarquia burguesa, colaborando para o fortalecimento da ideologia do capital.

Dito isto, reconhecemos que a sociedade russa também produzia e reproduzia a cultura patriarcal. Os homens mantinham o controle desde a família até a organização econômica estatal restando às mulheres apenas os cuidados com os filhos e com a casa, sendo “[...] a mulher operária socialmente quase inexistente, e sua incorporação aos movimentos sociais emancipadores foi mais tardia que em outros países europeus (KOLLONTAI, 1978 p. 22)”.

Como destaca Krupskaya (2017) existem ainda muitas dificuldades a serem superadas para a plena libertação feminina em relação à histórica opressão familiar “[...] as mulheres estão soterradas até o pescoço pelo trabalho em casa, pelos afazeres domésticos, pelo cuidado com as crianças”. (KRUPSKAYA, 2017, p.103). A família representa uma amostra do capital, um forte instrumento de controle do Estado, cujo objetivo é reiterar seu complexo de valores. Entretanto, os princípios e regras que compõem essa estrutura, não são permanentes, dado ao movimento das contradições sociais. Assim sendo, as crises no processo de reprodução do capital abriram espaços para incertezas e surgimento de enfrentamentos, dentre eles, a luta pela emancipação das mulheres, causa marcante na ação militante tanto de Krupskaya quanto na de Kollontai. Nesse sentido, pontuamos que o Partido Comunista tratou da abertura de equipamentos de funcionamento coletivo como creches, refeitórios comunitários, lavanderias, jardins de infância e outros, almejando

o alívio das tarefas relacionadas à vida familiar e permitindo à mulher a participação na vida pública, todavia não sendo tais medidas suficientes para a sua plena libertação.

### ***Memória e militância das revolucionárias soviéticas***

#### ***Kollontai, a feminista comunista***

Autêntica e aguerrida, Alexandra Kollontai, nasceu no ano de 1872, em San Petersburgo, Rússia. A revolucionária nos conduz à análise de seu pensamento por intermédio da autobiografia intitulada *Autobiografia de uma Mulher Comunista Emancipada* na qual explora minuciosamente o cerne dos mecanismos de exploração da mulher trabalhadora, engendrando caminhos para sua libertação por meio de mudanças radicais alçadas pela revolução socialista.

Filha de latifundiários nobres, Kollontai nunca frequentou a escola, fora educada por professores particulares, pois seus progenitores temiam a influência dos ideais revolucionários devido ao cenário de transformações, principalmente na capital russa, marcado, dentre outros acontecimentos, pelo crescimento da organização sindical. Esse protecionismo familiar não impediu, felizmente, a eclosão de seu raciocínio crítico e o reconhecimento dos privilégios que a cercavam.

[...] Desde pequena criticava a injustiça dos adultos, parecia-me uma contradição evidente, me ofereciam tudo e para outras crianças eram negadas tantas coisas. Minha crítica foi se elevando com os anos, e cresceu o sentimento de protesto contra as diversas maneiras de viver que via em torno de mim. Aos poucos adquiri claramente consciência das injustiças sociais que imperavam na Rússia (KOLLONTAI, 1978, p. 76).

Ainda na adolescência, as constantes viagens à Finlândia, terra natal de sua mãe, serviram também para a jovem Alexandra perceber como o modo de produção capitalista assumia diferentes singularidades a depender das possibilidades de exploração dos trabalhadores. As diferenças das condições políticas, econômicas e sociais dos trabalhadores russos e finlandeses impulsionaram o interesse por leituras questionadoras da ordem social. Diante disso, aos 13 anos, ingressou no primeiro grupo marxista liderado por N. V. Vodovozov.

Desde a minha juventude tinha consciência de que, sob nenhum aspecto, poderia organizar minha vida de acordo com o modelo estereotipado que, a fim de determinar a verdadeira orientação da minha vida, eu tive que subir acima de mim mesma. Também estava ciente de que trabalhar desta forma ajudaria os meus colegas a organizar sua vida não de acordo com as tradições pré-estabelecidas, mas de acordo com seu próprio critério eletivo livre. (KOLLONTAI, 1978, p. 70).

Crítica dos casamentos por conveniência financeira, Kollontai rejeitou o “bom partido” escolhido por sua mãe e, casou-se, segundo ela, por amor. Todavia, reconheceu as dificuldades de adaptação ao matrimônio, tendo sua união durado por aproximadamente três anos. Fruto desse

relacionamento nasceu seu único filho. O garoto permaneceu com o pai quando a jovem militante decidiu viajar para a capital da Suíça e dedicar-se às causas do movimento operário e, principalmente, a questão da emancipação das mulheres. “Deixei marido e filho e viajei para Zurique para estudar economia política [...] assim, comecei minha vida consciente em favor dos objetivos revolucionários do movimento operário.” (KOLLONTAI, 1978, p.34).

Consciente da desigualdade de interesses entre o movimento feminista burguês e o das mulheres trabalhadoras participou do Congresso de Mulheres em 1908, no qual colocou em pauta as reivindicações das operárias e externou a iminência da organização das mulheres trabalhadoras. Por esforços de Kollontai, em 1918, organizou-se um grupo de mulheres operárias para participar do Primeiro Congresso de Mulheres Trabalhadoras de toda a Rússia. Neste evento expuseram um programa próprio, contendo as demandas das mulheres trabalhadoras, dividindo espaço de debate antes ocupado exclusivamente pelas pautas das mulheres burguesas e das sufragistas. Com efeito, em 1919, contribuiu para a fundação do Jenotdiél<sup>3</sup>, uma espécie de Departamento de Mulheres Trabalhadoras e Camponesas do Partido Bolchevique. No entanto, Kollontai, forçosamente, precisou fugir as pressas antes do final do Congresso, pois a polícia estava em seu encalço: “Consegui atravessar a fronteira entre a Alemanha e, assim, em dezembro de 1908, iniciei um novo período da minha vida, a emigração política.” (KOLLONTAI, 1978, p.38).

A militante reprovou veementemente o feminismo burguês, asseverando que os objetivos desse movimento não alcançavam as mulheres trabalhadoras;

A que aspiram as feministas? Aos mesmos privilégios, ao mesmo poder, ao mesmo direito que agora possuem seus maridos, pais e irmãos na sociedade capitalista. A que aspiram as trabalhadoras? À destruição de todos os privilégios de nascimento ou de riqueza. Para as trabalhadoras, tanto faz quem tem o poder de ser “patrão”: se é homem, se é mulher. Junto com toda sua classe, elas podem tornar mais leve sua situação de trabalhadoras. (KOLLONTAI, 2017, p.162).

Em 1917 foi a primeira mulher do mundo a ocupar um cargo no governo, assumiu o posto de ministra de Estado - Comissária de Saúde do Governo Soviético - exercendo o cargo no Comissariado de Assistência Pública. Nessa posição, promoveu ações como: a fundação de abrigos para os pobres e crianças órfãs, organização e estruturação de colégios e a criação de comitê composto exclusivamente de médicos para elaboração de um sistema de sanitários públicos e gratuitos em todo o país.

Conforme Goldman (2014) os bolcheviques deram os primeiros passos em direção à emancipação da mulher com a aprovação do Novo Código da Família, rompendo com as velhas leis remanescentes do período czarista. Tal documento expressou as influências de Kollontai na perspectiva progressista da instituição família e o novo espaço ocupado pela mulher nessa estrutura.

É vasto o legado bibliográfico elaborado por Kollontai. Em *A mulher Trabalhadora na Sociedade Contemporânea* destaca-se importante reflexão sobre os objetivos do feminismo para as

mulheres burguesas e para as operárias, “A questão feminina’, dizem as feministas, ‘é questão de direito e justiça’. ‘A questão feminina’, respondem as proletárias, é questão de um ‘pedaço de pão’”. (KOLLONTAI, 2017, p.150). Igualmente relevante é o artigo *O dia da mulher*, uma observação sobre a representatividade histórica dessa data para as mulheres trabalhadoras, bem como o escrito *O fracasso do lema da “paz civil”*, uma verdadeira denúncia da hipocrisia do discurso imperialista sobre a falácia de que a guerra traria a paz e a instabilidade econômica.

Se hoje o lema da “paz civil” ameaça transforma-se em seu oposto, a responsabilidade é daqueles que causaram as calamidades e horrores da guerra mundial; que em favor de seus lucros atentaram sem pena contra a vida de milhões de pessoas [...] (KOLLONTAI, 2017, p.171).

Destacamos ainda a obra *A Nova Mulher e a Moral Sexual* que constitui uma importante análise da situação da mulher na sociedade burguesa sujeitada por um código moral. Kollontai inclui no plano dedicado à emancipação da mulher, pós-revolução, a urgência da reorientação no comportamento do homem e da mulher, por meio do companheirismo, também chamado de amor camaradagem<sup>4</sup>. Nesse direcionamento, escreveu ainda: *A luta de classes* (1906), *Primeiro almanaque operário* (1906); *Base social da questão feminina* (1908); *O amor na Sociedade Comunista* (1921); *A Mulher moderna e a Classe Trabalhadora*; *Comunismo e Família*; *Amor Vermelho*; *Romance e Revolução*; (s/d), dentre outros.

### ***Krupskaya, a pedagoga militante***

Nadezhda Konstantinovna Krupskaya nasceu em 1869 na então capital do império russo, São Petersburgo. A mãe, professora, e o pai, ex-oficial militar, pertenciam à linhagem familiar considerada nobre, embora não tivessem posses e herança. Simpatizante dos ideais progressistas, seu pai costumava, em sua residência, trocar ideias com opositores do governo. O posicionamento político levantou desconfiança entre os militares, resultando em perseguição sob peça acusatória de subversividade. Nesse contexto, a jovem menina, desde cedo, aguçava os interesses pelas temáticas que envolviam economia, política, miséria e exploração dos trabalhadores.

Começou a lecionar durante o dia na escola de primeiro grau Liceu feminino Obolensky, ainda aos 14 anos para ajudar nas despesas de casa e no sustento da mãe após o falecimento do pai. No período da noite, dedicava-se à educação da classe operária. O ensino ofertado pelo governo czarista aos trabalhadores era elementar e muito distante da concepção de Krupskaya acerca do que era necessário ensinar nas escolas, pois estava certa de que, desde o ensino primário, a escola teria a missão de construir as bases para uma educação politécnica. Ciente da carência da qualidade da educação, além de ministrar conteúdos escolares, repassava ensinamentos marxistas aos trabalhadores. Asseverava que a escola não deve se apresentar à sociedade como uma instituição isolada da realidade das crianças, pois “a escola deve reagir à vida”. (KRUPSKAYA, 2017, p. 109).

À frente do seu tempo, aos 21 anos, começou a participar da União da Luta pela Libertação da Classe Operária logo que conheceu a teoria marxista num ciclo clandestino de estudantes. Em seus primeiros textos, já conferia ênfase à discussão da igualdade de gênero nos espaços de tomada de decisões, tendo em vista a edificação da autonomia da mulher. Militante e propagandista, escreveu em 1899 *A mulher e a educação das crianças* publicada na brochura intitulada *A Mulher Operária*, uma importante reflexão acerca da dura rotina das mulheres mães e camponesas, ressaltando a relevância da ampliação dos direitos dessas mulheres e o dever do Estado para com elas. Dedicou-se ao debate acerca da participação das mulheres nos conselhos e publicou em outubro de 1827, o escrito, *As operárias e camponesas nos conselhos*. A práxis social era, no entendimento da jovem educadora, imprescindível à classe operária e camponesa.

Conviveu com importantes militantes feministas como Inessa Armand, Kollontai, Rosa Luxemburgo e Clara Zetkin, responsáveis pela discussão da divisão sexual do trabalho, redução de jornada de trabalho e equidade salarial: “Os bolcheviques articularam uma visão da libertação da mulher, e as mulheres soviéticas lutaram para alcançá-la.” (JINKINGS; KIM, 2017, p.75). Conforme Freitas (2020), Krupskaya foi uma das grandes responsáveis pelas orientações da política educacional do então Commissariado do Povo para a Educação, Narkompros<sup>5</sup>, ao lado de Lunacharsky, Pistrak, Shulgin e Makarenko. Responsável por fundar a pré-escola soviética e escolhida como comissária de Educação, examinou a essência e o papel formativo da escola ainda na educação infantil e escreveu o aclamado artigo *As tarefas da escola de primeiro grau*, publicando, em 1922, na Academia de Ciências Pedagógicas uma reflexão acerca da importância dos livros serem de fácil intencionalidade e socialmente úteis, o que reitera seu posicionamento quanto ao ensino por complexos<sup>6</sup> tão defendido também por Pistrak.

Apoiada na teoria marxista-leninista, sua práxis pedagógica rompe com a histórica dicotomia entre trabalho manual e trabalho intelectual na busca de uma formação multilateral. Ampliou as ideias sobre trabalho coletivo ainda nas séries iniciais, ressaltando que esse hábito deve ser ensinado às crianças para propiciar conhecimento das questões que envolvem a conjuntura política econômica e o enfrentamento da vida social.

Indubitavelmente, sua experiência no ensino primário levou-a a reconhecer as dificuldades de ensinar às crianças o trabalho socialmente necessário. Conclui, apesar disso, que a iniciação dos educandos às questões políticas, sociais e culturais deve ocorrer desde a infância. Para Krupskaya (2017), a tarefa da escola de primeiro grau é dar à criança aquele conhecimento que a introduz no círculo da cultura moderna.

Antes de tudo, a escola deve despertar na criança a curiosidade, um interesse pelo ambiente, um interesse investigativo pelos fenômenos e fatos, tanto no campo das ciências naturais como da vida social. Para isso, é necessária uma forte ligação da escola com a população, com seu trabalho, com toda sua vida econômica; no ensino é necessário apoiar-se na realidade do meio ambiente da criança. (KRUPSKAYA, 2017, p.105).

A concepção do senso de coletividade em Krupskaya representa sua práxis pedagógica e contrapõem-se a uma educação individualizada e segregada, sugerindo reaprendizados na maneira de ensinar, aprender e conviver. Como resultante dessa nova concepção de convívio se assenta o processo de emancipação das mulheres, sem excluir o protagonismo feminino quanto à autodeterminação da autonomia. Krupskaya observa que a plena liberdade das mulheres basea-se na construção de uma nova concepção da relação entre os indivíduos e que para isto ser alcançado, era preciso unir toda a classe trabalhadora num movimento de fato revolucionário, a fim de edificar uma sociedade ideologicamente emancipada.

O ensino das ideias marxistas e a luta para transformar a sociedade a partir da organização e tomada de consciência da classe trabalhadora se concretizaram na instituição de uma escola única do trabalho, o que conforme Freitas (2020) a levou a inserir a noção de ensino geral e politécnico na reformulação do Partido Comunista Russo, em 1917, e nas concepções defendida pela pedagogia soviética, a fim de provocar mudanças na ultrapassada concepção de ensino geral e profissional. Foi por esta razão que o trabalho se tornou uma das categorias principais das ideias pedagógicas de Krupskaya. Reiteramos que:

Era proposta de Krupskaya converter a mentalidade humana, individualista, baseada na competitividade, típica do capitalismo, em uma mentalidade coletivista e colaboracional que deveria vigorar em uma sociedade socialista, como a que estava em construção [...] (LODI, 2016, p. 211).

A militante foi presa e exilada pela primeira vez em 1896 quando distribuía clandestinamente panfletos do partido comunista. Quando transferida do exílio da província de Ufá para a Sibéria casou-se com Lenin. Os revolucionários viveram sob a pressão da prisão e do exílio, sofreram com a perseguição dos opositores, usaram nomes fictícios e, quando partiam de missões diferentes, comunicavam-se por cartas codificadas que, em sua maioria, eram entregues à Anna Ilítch, irmã de Lenin. A união de Krupskaya e Lenin é considerada, salvo controvérsias de alguns autores, como amor-camaradagem.

Estará, por acaso, a multiplicidade do amor em contradição com os interesses do proletariado? Ao contrário, esta multiplicidade no sentimento do amor facilita o triunfo do ideal de amor nas relações entre os sexos, que já se formam e cristalizam no seio da classe operária: o amor-camaradagem. (KOLLONTAI, 2011, p. 127).

Krupskaya em sua obra, também alerta para a influência da religião sobre a juventude e principalmente sobre as mulheres. Em *A Trabalhadora e a Religião* (1922), discorreu sobre o forte sentimento religioso que assolava mais fortemente as mulheres analfabetas e fadadas ao trabalho doméstico. Teceu críticas à conjuntura que torna a alienação religiosa comum às mulheres oprimidas e reconheceu que o fenômeno da fé religiosa distancia as mulheres dos ideais comunistas.

Há ainda um aspecto geralmente esquecido quando se fala sobre religião. A ação divina da igreja satisfaz a necessidade de uma vida em comum, oferece uma série de experiências coletivas. Entre as mulheres, essa necessidade costuma ser mais

forte. O homem quando sai para ganhar pão, servir o exército etc., relaciona-se com pessoas em outras bases. A mulher está mais ligada ao lar, vive uma vida mais enclausurada. (KRUPSKAYA, 2017, p.100).

Confiante que a educação é sempre uma alternativa para avançar nas mudanças sociais, Krupskaya considera imprescindível que, “nas escolas regulares, nos cursos de ciências sociais, haja uma seção dedicada à emancipação da mulher” (KRUPSKAYA, 2017, p.123). Um breve resumo de suas principais produções inclui: o artigo *O Partido Comunista e a Trabalhadora* (1924), discussão e colaboração para a organização Congresso das Operárias e Camponesas, discurso na Conferencia Nacional das Mulheres Orientais em 1928, o que culminou na publicação do texto *Caminhos para a Emancipação da Mulher Oriental*. Elaboração do prefácio para a coletânea que descreve o legado de Lênin sobre a emancipação da mulher, publicado pela primeira vez em 1933 e discurso no II Congresso de toda a União Soviética em 1935.

Em síntese as contribuições teóricas e práticas de Krupskaya exprimem a luta para que as mulheres tivessem o direito ao voto e a serem candidatas, o direito ao divórcio, o acesso universal à educação gratuita, a salários iguais aos dos homens, o direito ao aborto livre e garantido pelo Estado entre outros.

Kollontai relembra a importância de Krupskaya para a consolidação da revolução:

[...] ela trabalhou incessantemente, foi o braço direito de Vladímir Ilítch e às vezes fazia nas reuniões de partido uma observação curta, mas de peso. Nos momentos mais difíceis e perigosos, nos dias em que muitos camaradas fortes perdiam o ânimo e começavam a ter dúvidas, Nadiéja Konstantínovna, se mantinha igualmente convicta, confiante da justeza do trabalho iniciado e com fé na vitória. Ela irradiava uma crença inabalável, e essa firmeza de espírito, oculta sob rara descrição, sempre encorajava a todos que se juntavam aos companheiros de armas do grande criador de Outubro. (KOLLONTAI, 2017, p. 218).

Os desafios e os enfrentamentos vivenciados por Krupskaya quanto à questão da mulher representam um reflexo do seu compromisso com o marxismo e a revolução socialista. Krupskaya era uma educadora, logo compreendia que para as mulheres se libertarem inteiramente do espólio patriarcal era necessária uma revolução para além da tomada de poder pelos bolcheviques e da emissão de decretos. Esses mecanismos eram fundamentais sim, mas ao longo de sua militância estudou que a questão da emancipação da mulher quer seja no ocidente ou no oriente, não se daria isoladamente.

### ***Desafios e superação da opressão da mulher: reflexões à luz do pensamento de A. Kollontai e N. Krupskaya***

Herança perversa das desigualdades econômicas e sociais, a prostituição simboliza uma das formas da exploração da mulher e representa um dos maiores desafios à liberdade. A prática desse tipo de violação é secular e, ganhou nas referências dos moldes do capital, convencionalidade,



resguardo e apatia. No Manifesto do Partido Comunista, Marx e Engels asseveram que:

Para o burguês, sua mulher nada mais é que um instrumento de produção. Ao nos ouvir proclamar a necessidade de os instrumentos de produção serem explorados coletivamente, só podem concluir que o processo coletivo será extensivo às mulheres. Não se dão conta de que se trata exatamente de acabar com a situação da mulher como mero instrumento de produção. [...] De resto, é evidente que, com a abolição das relações de produção atuais, a comunidade de mulheres que deriva dessas relações, isto é, a prostituição oficial e não oficial, desaparecerá (MARX; ENGELS, 2008, p. 29).

Kollontai (2017) denuncia ainda em seu artigo *A mulher trabalhadora na sociedade contemporânea*, publicado em 1908 no I Congresso de Mulheres de toda a Rússia, os dados da prostituição; calcula-se que haja mais de 250 mil prostitutas em Londres e; 100 mil em Paris e de 30 a 50 mil em São Petersburgo. Delata também a prostituição infantil em diversos lugares como; Moscou, Nápoles e Londres, expondo que crianças eram corrompidas ingressando na prostituição por volta dos 11 anos de idade (SCHNEIDER, 2017, p.150-159).

A militante pondera que a desmoralização social fruto da prostituição atinge somente as meninas e mulheres pobres, visto que em toda a Europa era comum os filhos de famílias abastadas receberem de preceptores contratados os mais diferentes ensinamentos. Contudo, anuncia que o fim da exploração sexual se vinculava à organização e a luta da classe trabalhadora, assim como todos os mecanismos que impedem a plena libertação da mulher.

Somente o proletariado tem forças para pôr fim a essa hidra de cem cabeças nos nossos dias... Lutar contra a prostituição significa não apenas destruir a sua regulamentação atual, mas combater as bases do sistema capitalista, fazer todo o possível para extinguir a divisão de classes e abrir caminho rumo as novas formas de convivência entre os seres humanos. (KOLLONTAI, 2017, p. 156).

Conforme esse mesmo pensamento, Krupskaya assevera que as desigualdades econômicas, ainda que agravadas pela guerra, não podem sepultar as relações humanas, sobretudo ocultar a exploração de milhares de mulheres. É preciso considerar que a guerra civil, movida pelas forças contrarrevolucionárias do chamado Exército Branco, cujo objetivo era destituir os bolcheviques nos primeiros anos pós-assalto ao poder, contribuiu para agravar a situação de um país já empobrecido por séculos de czarismo. Tal conjuntura trouxe miséria e desamparo principalmente para as mulheres antes sustentadas pelos maridos, pais e irmãos. Elas foram forçadamente inseridas no trabalho fabril, quer seja para auxiliar no custeio dos gastos com os parentes que sobreviveram, como também para sozinhas, manterem a si, seus filhos órfãos e pais idosos, já que a manutenção da vida, ainda sob imposição da herança capitalista, exigia a conservação do ciclo trabalho, consumo e exploração.

Vemos como a mulher se torna disposta a tudo e entrega a si mesma pelo pão, pela premissa de atravessar a tropa de barreira com um saco de farinha. Ainda há um número significante de canalhas propensos a abusar de mulheres indefesas, e elas engravidam de homens que nunca tinham visto antes. (KRUPSKAYA, 2017, p. 95).

O plano de reconstrução de uma nova sociedade sob o socialismo, obviamente, não foi executado de imediato, e enquanto a classe trabalhadora assimilava os mecanismos de organização e controle do poder econômico, a opressão perante a mulher e sua sobrevivência nesse cenário contraditório de guerra e reconstrução foi marcado por intensa vulnerabilidade.

Krupskaya e Kollontai posicionaram-se da mesma forma quanto ao dever do Estado de reconhecer a prostituição como esteio da exploração e legado das desigualdades econômicas da estrutura capitalista e, portanto, prover as condições necessárias para livrar às mulheres das sujeições humilhantes resultantes desse contexto. “Não podemos nos calar! A miséria força a mulher a se vender, e quem se vende não são prostitutas, que fazem disso sua profissão, mas mães de família, pelos filhos ou pela mãe idosa”. (KRUPSKAYA, 2017, p. 95).

Nesse sentido, Kollontai (2017), reforça que:

O atual sistema capitalista explorador empurra a mãe, em nome da criança, e a criança, em nome da mãe, ao caminho do “ofício vergonhoso”. Nem mesmo a tenra idade infantil consegue preservar os filhos da classe trabalhadora das pretensões predadoras da indiferente depravação burguesa. (KOLLONTAI, 2017, p.155).

Os partidários do socialismo científico foram, segundo Kollontai, acusados pelas feministas burguesas de adiarem a solução dos direitos das mulheres até o surgimento do socialismo, porém Kollontai aloca os objetivos dessa organização de mulheres no espaço de exploração daquelas que pertencem a determinada categoria social, em contraste aos objetivos das mulheres proletárias que encontra-se em “substituir a sociedade de classe antiga e antagônica pelo novo e radiante tempo do trabalho e da solidariedade entre irmãos” (KOLLONTAI, 2017, p.159). Em consonância com o pensamento de Kollontai, Krupskaya ressalta que: “parece-me que o cerne da emancipação da mulher – e essa questão se insere na linha geral da construção da nova vida – é também uma questão de organização, e aqui não podemos escapar do ponto de vista de classe. (KRUPSKAYA, 2017, p.118).”

Apesar de muito importantes, a conquista de direitos políticos pela mulher trabalhadora, não seria o suficiente para libertá-la do jugo da prostituição, pois era preciso construir uma nova concepção da relação entre homens e mulheres baseada em responsabilidades iguais, com respeito à individualidade e com apoio mútuo.

As revolucionárias concordam que a completa emancipação feminina dependia da reforma radical da sociedade, mas que apesar disso, nenhum partido no mundo tenha dado tanta importância aos interesses das mulheres quanto fizeram os bolcheviques à luz do socialismo e, nas palavras de Kollontai: “não há partido que tenha se dedicado com maior amor e atenção às mulheres e que tenham feito tanto por sua libertação em todos os aspectos quanto o partido dos trabalhadores. (KOLLONTAI, 2017, p.157).”

Krupskaya também ratifica que apenas no país dos soviets a mulher era livre e tinha

direitos iguais, porém reconheceu que:

O programa do partido diz que homens e mulheres comunistas não podem esquecer por um instante que a libertação das mulheres ainda está longe de sua conclusão – ela apenas começou, e agora é preciso um grande esforço ideológico e educativo. (KRUPSKAYA, 2017, p.103).

Embora tenha vivido somente os anos iniciais da revolução, Rosa Luxemburgo, que também se sobressaiu na luta pela liberdade das mulheres, igualmente reconhece que os soviets abriram espaço para que a temática mulher fosse discutida no partido, inclusive, lutou para que esse espaço fosse construído a partir da voz das próprias mulheres e atribuiu a todos a tarefa de envidar esforços para supressão das apavorantes amarras inerentes ao capital: “[...] ao lado do homem, a mulher trabalhadora sacode as colunas da ordem social vigente e, antes que esta lhe conceda um direito aparente, ela irá ajudar a pôr em ruínas essa ordem social (LUXEMBURGO *apud* BOITO, 2016, p. 23).”

Consciente dos horrores advindos do conflito armado, Krupskaya publicou em 1920 na revista *A Comunista*, o texto *Guerra e Maternidade*. Nele, a pedagoga analisa o quadro social pós Outubro de 1917 e enfatiza as dificuldades enfrentadas pelas mulheres mães e as possíveis medidas que o poder soviético deveria prover para garantir suporte e segurança a essas mulheres, de modo que as colocariam em condições de igualdade com os homens.

Como ajudar a mãe que se curva sob o peso de procriar, nutrir e educar? A resposta é clara: é preciso que o governo não só cuide da mulher durante a gravidez, o parto e o puerpério, mas crie dezenas de milhares de creches, jardins de infância, colônias e alojamentos infantis, em que as crianças possam receber cuidados e alimentação, possam viver, desenvolver-se, estudar em condições dez vezes melhores do que e as que a mãe carinhosa poderia lhes proporcionar com o seu esforço individual. (KRUPSKAYA, 2017, p.95).

Vale ressaltar que conforme Maia (2017), Kollontai dedicou-se, como Comissária de Assistência Pública, a um projeto cujo objetivo era a proteção da maternidade. O espaço, o antigo prédio de um hospital, seria planejado para legitimar o sistema público de saúde enquanto ambiente de acolhimento e tutela, uma das demandas mais delicadas da experiência feminina. O projeto visava ainda, promover a realização de cursos para as mães com orientações relacionadas à criação e educação de seus filhos. Kollontai, assim como Krupskaya, tinha a convicção de que a medida mais justa seria transferir para o Estado a responsabilidade de proteção às mães trabalhadoras e crianças pobres, bem como transformar as maternidades em espaços dignos e gratuitos.

Por decreto emitido em 31 de janeiro, o conselho foi reorganizado em uma comissão cuja atividade era buscar três objetivos básicos: 1) proteção da criança, ou seja, redução da mortalidade infantil; 2) a educação da criança em um ambiente correspondente ao amplo conceito de família socialista (a organização da casa da mãe e do bebê, que estabelece as bases para a educação social desde os primeiros dias de vida da criança; 3) a criação de um ambiente saudável em que a criança possa se desenvolver física e espiritualmente. (KOLLONTAI, 1978, p.56).

As perseguições contra aquelas que buscavam meios para alçar a plena liberdade para

mulheres era uma constante na vida das revolucionárias. A repressão dos imperialistas acompanharam Kollontai por toda a sua trajetória, e com o projeto do palácio de proteção da maternidade não foi diferente, fora acusada de estimular a gravidez precoce entre as jovens e ser a favor da destituição familiar. As ameaças foram concretizadas com o incêndio do edifício onde seria realizado o projeto. Apesar disso, continuou firme em seu propósito social;

Vladimir Ilitch considerava que é preciso dar à mulher a oportunidade de simultaneamente trabalhar no aparato governamental e garantir a possibilidade de ser mãe. A mulher é uma força produtiva valiosa, mas tem o direito e o dever de ter filhos. A maternidade é um importante dever social. (KOLLONTAI, 2017, p.175).

Como efetivação do dever social para com escolha da mulher em levar à diante ou não a gestação, o Estado promoveu um importante avanço em 20 de novembro de 1920 tornando legal o aborto. Este, deveria ser custeado e executado sob os cuidados dos setores responsáveis pela promoção da saúde. Para Kollontai, o aborto é também um fenômeno ligado ao problema da maternidade, resultante da situação precária das mulheres, da divisão de classes e, por isso, somente leis ou medidas de repressão não poderiam eliminá-lo.

Na visão das revolucionárias, o poder soviético se esforçou para tirar da mulher o peso de cuidar sozinha dos filhos. “Ele abre maternidade para mulheres desfavorecidas, creches, jardins de infância, colônias”. (KRUPSKAYA, 2017, p. 95). Porém, admitiram que a fome e a miséria, decorrentes dos séculos de poder dos Czares e ainda dos constantes ataques dos contrarrevolucionários, adiavam a execução plena do plano soviético rumo à construção da nova sociedade, principalmente ao que diz respeito à questão da independência da mulher mãe e trabalhadora.

Estamos criando instituições, refeitórios e creches modelo que liberam a mulher do trabalho doméstico. E é precisamente a mulher quem mais se empenha na organização de todas estas instituições. E necessário reconhecer que hoje existem na Rússia poucas instituições deste tipo, e que ajudam as mulheres a deixar a condição de escrava do lar. O número destas instituições é insignificante e as condições pelas quais passa a República Soviética – as condições militares e do abastecimento, das quais os camaradas têm falado com detalhes – entram estas tarefas. (LENIN, 1980, p. 72).

No pensamento de Lenin, os antagonismos do capital acerca da emancipação da mulher se concentram na inserção da mão-de-obra feminina no círculo fabril, este inicialmente rompeu com a exclusividade do trabalho no ambiente doméstico e, conseqüentemente, minimizou a sujeição financeira aos homens da família. Contudo, concomitante a essa situação, sob a égide do capital, as mulheres permanecem em situação de exploração, vivendo uma tripla jornada de trabalho; operárias com salários precários, domésticas e em muitos casos, mães.

A entrada em massa das mulheres na força de trabalho durante o século XX, em extensão tão significativa que hoje elas já chegam a constituir maioria nos países de capitalismo avançado, não resultou em sua emancipação. Em vez disso, apareceu a tendência de generalizar para toda força de trabalho a imposição dos

salários mais baixos a que as mulheres sempre tiveram de se submeter (MÉSZÁROS, 2002, p. 272).

A preferência em empregar mulheres se deu, principalmente, em razão de se constituírem enquanto mão de obra desqualificada e por não terem direito ao acesso à educação. A indústria admitiu mulheres em vários setores menos qualificados pela dupla faceta: era uma mão de obra de baixo valor, mas era barata pela falta de direito à uma qualificação – era barata por ser mulher e por ser mulher, não tinha direito à educação, tal situação pendurou por anos, visto que as mulheres que tiveram com prioridade o direito ao acesso à educação eram burguesas.

Não há tarefa repugnante nem seção de trabalho nociva em que não encontremos uma abundância de trabalhadoras. Quanto piores as condições, quanto mais baixos os salários, quanto mais longa a jornada, mais se empregam mulheres. (KOLLONTAI, 2011, p.152).

Vale ressaltar que Krupskaya, aborda e reconhece a iminência da educação no processo de libertação das mulheres. Admite que o processo de alfabetização das massas femininas, dentre outros aprendizados, seria o caminho para que pudessem familiarizar-se com o programa do Partido Comunista Russo, pois, para ela era preciso fortalecer a convicção de que o programa do partido apoia a emancipação da mulher. “É preciso apresentar-lhes a visão de mundo marxista de forma mais simples e compreensível” (KRUPSKAYA, 2017, p.106).

A abordagem de Kollontai também constitui esforço para convencer os homens da classe trabalhadora a apoiarem as reivindicações das mulheres de sua classe e que as mulheres distingam que os interesses das feministas burguesas não alcançam as trabalhadoras. Destaca que enquanto as bases do capitalismo não forem quebradas, a separação entre os direitos dos homens e das mulheres será não apenas inevitável, mas oportuno, e, por isso, os trabalhadores deverão conhecer as bases que fundamentam o comunismo.

Isto posto, reconhecemos em Krupskaya e em Kollontai todo apoio ao projeto soviético quanto à construção dos equipamentos coletivos que auxiliariam na libertação da mulher, entretanto ambas corroboram que, tais ações abririam caminho para a resolução de problemas gerais, mas não para o fim da exploração da mão-de-obra feminina quanto ao trabalho doméstico. Krupskaya e Kollontai reconheceram que essas ações, embora de extrema importância, eram limitadas, pois analisaram também os mecanismos de sustentação capitalista no qual estão arraigadas a concepção de trabalho doméstico e a organização da família no patriarcado.

A instituição familiar burguesa é incompatível com o nascente modo de produção social à luz do socialismo. “O aspecto mais importante da família na manutenção do domínio no capital sobre a sociedade é a perpetuação – e a internalização – do sistema de valores” (MÉSZÁROS, 2002, p. 271). A reformulação da família exige grandes esforços para revolucionar a mentalidade e, conseqüentemente, o modo de vida, pois enquanto as diferenças entre o homem e a mulher não forem superadas na família, não será possível atingir a igualdade na produção, na política e na vida

social.

Os bolcheviques assentiram que as mulheres precisavam ser politizadas, ter acesso à vida social, ocupar cargos públicos, salvaguardar a maternidade, construir equipamentos para coletivizar atividades antes praticadas somente nos lares, porém até mesmo os homens esquerdistas, não reconheceram de imediato que, ainda que o poder soviético promovesse tão importantes mudanças a fim de contribuir para a emancipação das mulheres, era preciso abandonar privilégios remanescentes do patriarcado, pois de nada adiantava lutar para que homens e mulheres trabalhassem nos mesmos setores e com salários iguais nas fábricas se, no retorno à moradia, não dividissem tarefas domésticas: varrer, lavar a louça, dar banho e alimentar as crianças.

É possível que nada revele tão explicitamente o quanto avançamos do que a situação das mulheres. Mas, quanto mais longe chegamos, mais evidente se torna a insuficiência do que foi feito. O crescimento do movimento de trabalhadoras está, por si só, intimamente ligado a todo nosso avanço e construção (KRUPSKAYA, 2017, p.109).

Seria ingênuo esperar grandes consequências no padrão de responsabilização exclusiva da mulher quanto aos trabalhos domésticos, mesmo com a recente tomada do poder pelos bolcheviques. Assim, Krupskaya elucida que a educação livre das crianças, apartada da separação de ensinamentos exclusivos de meninos e também de atividades particulares para meninas, seria capaz de construir uma nova relação entre homens e mulheres, reduzindo o aviltante fardo que até então é tido como uma particularidade da singularidade biológica feminina.

Conforme essa mesma percepção, Kollontai explicita que decisões importantes sobre as vidas e os corpos das mulheres não poderiam ser pensadas e decididas exclusivamente por homens, os quais nunca admitiram que a maternidade, a educação das crianças e o zelo pelo lar também são de suas responsabilidades. Nessas circunstâncias, as militantes apontam que as seções do partido fundadas para discutir a libertação da mulher, devam ser organizadas e geridas pelas trabalhadoras.

Mediante as memórias que envolvem a emancipação da mulher, as revolucionárias enfatizam que o 8 de março – data que influenciou decididamente a Revolução Russa – deve ser encarado como um acontecimento político, “um elo entre as grandes batalhas e conquistas das mulheres trabalhadoras” (KOLLONTAI, 2017, p.160). Essa data teve início com a organização de grupos pequenos de mulheres nos sindicatos onde discutiam as condições de trabalho e as leis que engessam a figura feminina. Em contraposição, Krupskaya (2017), defendia que as agitações, embora importantes, não deviam limitar-se ao 8 de março, mas serem constantes.

Em linhas gerais, as revolucionárias destacam que é importante para as pessoas que comemoram o dia internacional da mulher saberem, dado sua importância histórica e representatividade quanto aos avanços dos direitos das mulheres, que a data ganhou notoriedade quando a sociedade de modo geral se deu conta da força e da potência das mulheres nas ruas, nos levantes das fábricas e, principalmente, na organização dos partidos. O dia da mulher representa um

esforço meticuloso, ainda que lento, para promover a autoconsciência de classe nas mulheres, não para apartá-las, mas sim, para uni-las enquanto classe trabalhadora:

A emancipação feminina é, pois, problema complexo, cuja solução não apresenta apenas uma dimensão econômica. Mesmo a mulher economicamente independente sofre, sua condição de mulher, o impacto de certas injunções nacionais e internacionais. Desde o desenvolvimento da indústria farmacêutica até as ideologias, tudo reflete na condição feminina. Eis por que qualquer ética socialista não pode perder de vista a condição singular em que tem lugar a existência feminina. (SAFFIOTI, 2013, p.135).

A Revolução Russa corresponde a um dos mais importantes eventos históricos do século XX. Seu advento deu possibilidades para abertura de discussões nunca antes vistas do ponto de vista político, social, econômico e cultural. A revolução não foi um ato único, mas um conjunto de processos sociais que reverberam em diferentes lutas, de diferentes sujeitos que, de alguma forma, sentem-se à margem da sociedade. A revolução proletária socialista teve como principal tarefa acabar com toda a exploração que oprimia todos aqueles que se reconheciam na subalternidade.

O destaque desse movimento, não está apenas enquanto experiência histórica da classe trabalhadora, mas enquanto ponto de partida para importantes mudanças no cenário de vida das mulheres. Na estratégia dos bolcheviques também estava a luta contra a opressão feminina, que, neste momento, apesar de terem adentrado nas fábricas, sofriam exploração em seus lares, sob o peso da responsabilidade de limpar, cozinhar, e cuidar dos filhos (GOLDMAN, 2014, p.30).

As memórias de Kollontai e Krupskaya representam uma aproximação com este período. Suas histórias de enfrentamento contribuem para que a emancipação das mulheres seja um processo contínuo, transformador e revolucionário, ultrapassando o tempo histórico, visto que traduzem uma perspectiva de uma nova concepção de vida e de sociedade.

### ***Considerações finais***

Ao certo, não é sabido se Krupskaya e Kollontai eram amigas íntimas ou confidentes, todavia, dado às convicções comunistas comuns, eram camaradas. Companheiras de militância e de luta, partilharam o mesmo ideal: a construção de uma sociedade coletivista, instaurada sob amparo do socialismo, na qual as mulheres fossem verdadeiramente autônomas.

Estiveram juntas na formação do primeiro grupo de mulheres bolcheviques que estruturou o pioneiro trabalho do partido sobre a causa das mulheres, culminando na organização do I Congresso de Trabalhadoras em novembro de 1918. Krupskaya ficou na presidência e responsável pela escrita de um relatório diário do trabalho, enquanto coube a Kollontai, a criação de seções femininas; “redigi um informe e uma resolução sobre os métodos de trabalho entre as mulheres e as organizações do aparato do partido” (KOLLONTAI, 2017, p.173).

Foram escolhidas, juntamente com Clara Zetkin, membro honorário da presidência da I Conferência Internacional de Mulheres Comunistas que ocorreu em Moscou em 1920, a participar

da fundação do Jenotdiel. Elas exigiram a atuação de mulheres nas decisões dos sindicatos e, se esforçaram para que as mulheres trabalhadoras se organizassem em prol das concepções socialistas.

No texto *As combatentes no Dia do Grande Outubro*, publicado em 1927, Kollontai narra como os historiadores descreverão o período em que se estabeleceu o poder soviético e cita Krupskaya com primazia,

Em primeiro lugar está a imagem da fiel companheira de armas de Lenin, Nadiéja Konstantínovna Krúpkskaia. O modesto vestido cinza e seu costumeiro esforço por permanecer à sombra, entrar na sala de reunião sem ser percebida, sentar-se atrás de uma coluna. Mas ela mesma vê, ouve e observa tudo para transmitir a Vladímír Ilítch, acrescentar comentários precisos e buscar um pensamento racional, correto e necessário. (KOLLONTAI, 2017, p.218).

As revolucionárias sabiam que o distanciamento da conquista da liberdade feminina no mundo capitalista envolvia dentre tantas questões, o cárcere do trabalho doméstico, as leis injustas que impediam o divórcio e a posse da terra, a discriminação dos salários, o analfabetismo e a alienação religiosa. Perceberam que a exploração das mulheres trabalhadoras acontecia de maneiras diferentes, a depender do lugar e da cultura as quais estavam inseridas socialmente. Logo, entenderam que os mecanismos para a emancipação da mulher não poderiam ocorrer de forma homogênea em todas as partes do mundo, pois era preciso observar o trabalho desenvolvido por essas mulheres em diferentes sociedades, uma vez que somente através do trabalho seria possível a organização das massas, pois não há espaço mais apropriado para esse enfrentamento do que, senão, a promoção da luta de classes.

A restrição da liberdade das mulheres está atrelada à ideologia que conduz o modelo de sociedade e, conseqüentemente, com a organização das classes. Faz-se imprescindível a mudança profunda na estrutura social. Uma transformação que incluía bem mais que a implantação de uma economia coletiva e a socialização do poder político. E pontuamos que os soviéticos, considerando os limites de seu tempo histórico, se dispuseram a esse planejamento.

A experiência soviética demonstra que, se a libertação da mulher e sua conseqüente integração plena na sociedade não se realizaram completamente sob o regime socialista, foi neste regime que ela atingiu seu maior grau. (SAFFIOTTI, 2013, p.139).

Conforme Maia (2017), as memórias comuns representam um conjunto de diversas memórias pessoais acerca de um mesmo objeto ou em função da participação comum em dado período histórico. Nesse desiderato, concluímos que Kollontai e Krupskaya colaboraram para compor memórias das lutas das mulheres socialistas, no empenho da edificação de uma sociedade mais justa para a classe trabalhadora, sobretudo no tocante à liberdade das mulheres. Ambas deixaram aporte e reflexões valorosas ao movimento das trabalhadoras e ao debate marxista.

Enfatizamos, por fim, ao propósito de uma nova sociedade, que o senso de coletividade deve constituir a sua base pedagógica, perpassando o complexo educativo e, portanto, a escola. Restruir a base desta agência formativa representou um enorme desafio ao plano de governo



socialista quanto ao compromisso de superação da opressão de gênero na sociedade em gestação. A educação como um possível caminho para a construção de uma nova concepção de sociabilidade entre todos os trabalhadores, sejam homens ou mulheres, se faz presente nas memórias teórico-práticas das revolucionárias Kollontai e Krupskaya.

### Referências

- BOITO, Misa (Org.). **A luta contra a opressão da mulher: recuperando uma abordagem de classe**. São Paulo: Editora Nova Palavra, 2016.
- FREITAS, Maria Cleidiane Cavalcante. **Por uma pedagogia da práxis! A pedagogia soviética enquanto alternativa histórica**. 2020. Orientador: Ruth Maria de Paula Gonçalves. 271f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2020.
- GOLDMAN, Wendy. **Mulher, Estado e Revolução: política familiar e vida social soviéticas (1917-1936)**. São Paulo: Boitempo, 2014.
- JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim. (Org.) **1917: O ano que abalou o mundo**. São Paulo: Edições Sesc; Boitempo Editorial, 2017.
- KRUPSKAYA, N.K. **A construção da pedagogia socialista**. São Paulo: Expressão popular, 2017.
- KRUPSKAYA, N. K. A trabalhadora e a religião. In: SCHNEIDER, G. (Org.). **A revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia soviética: artigos, atas, panfletos, ensaios**. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 99-163.
- KRUPSKAYA, N. K. A religião e a mulher. In: SCHNEIDER, G. (Org.). **A revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia soviética: artigos, atas, panfletos, ensaios**. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 105-108.
- KRUPSKAYA, N. K. Caminhos para a emancipação da mulher oriental. In: SCHNEIDER, G. (Org.). **A revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia soviética: artigos, atas, panfletos, ensaios**. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 114-123.
- KRUPSKAYA, N. K. Guerra e maternidade. In: SCHNEIDER, G. (Org.). **A revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia soviética: artigos, atas, panfletos, ensaios**. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 94-98.
- KRUPSKAYA, N. K. O partido comunista e a trabalhadora. In: SCHNEIDER, G. (Org.). **A revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia soviética: artigos, atas, panfletos, ensaios**. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 103-104.
- KRUPSKAYA, N. K. Sobre o congresso das operárias e camponesas. In: SCHNEIDER, G. (Org.). **A revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia soviética: artigos, atas, panfletos, ensaios**. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 109-113.
- KOLLONTAI, Alexandra. **A nova mulher e a moral sexual**. Editora Expressão Popular: São Paulo, 2011.
- KOLLONTAI, Alexandra. **Autobiografia de uma mujer emancipada**. Trad. Elena Herrero e Juan del Solar. 3. Ed. Editorial Fontamara: Barcelona, 1978.
- KOLLONTAI, Alexandra. A mulher trabalhadora na sociedade contemporânea. In: SCHNEIDER, G. (Org.). **A revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia**

**soviética:** artigos, atas, panfletos, ensaios. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 150-159.

KOLLONTAI, Alexandra. As combatentes no dia do grande Outubro. In: SCHNEIDER, G. (Org.). **A revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia soviética:** artigos, atas, panfletos, ensaios. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 217-221.

KOLLONTAI, Alexandra. O dia da mulher. In: SCHNEIDER, G. (Org.). **A revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia soviética:** artigos, atas, panfletos, ensaios. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 160-163.

KOLLONTAI, Alexandra. V. I. Lênin e o I Congresso de Trabalhadoras. In: SCHNEIDER, G. (Org.). **A revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia soviética:** artigos, atas, panfletos, ensaios. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 172-175.

LENIN, Vladimir Ilitch. **Sobre a Emancipação da Mulher.** Editora Alfa-omega: São Paulo, 1980.

LODI, Samantha Correa. **Entre a pena e a baioneta:** Louise Michel e Nadezhda Krupskaja, educadoras em contextos revolucionários. 2016. Orientador: 29 Mara Regina Martins Jacomeli. 6 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

MAIA, Denise Santana. **Alexandra Kollontai:** Memória, reflexões e lutas pela libertação da mulher. 2017. Orientador: Cláudio Eduardo Félix dos Santos. 100 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2017.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista.** São Paulo: Cortez, 1998.

MÉSZÁROS, István. Para além do capital: rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Editorial Boitempo, 2002.

SAFFIOTI, Heleith. **A mulher na sociedade de classes:** Mito e realidade. Editora Expressão Popular: São Paulo, 2013.

SCHNEIDER, Graziela (org.). **A revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia soviética:** artigos, atas, panfletos, ensaios. São Paulo: Boitempo, 2017.

---

## Notas

<sup>1</sup> Mestra em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, através do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (Profepet). Currículo Vitae na Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7479909871467002> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5793-2891>. E-mail: [aline.silva@ifce.edu.br](mailto:aline.silva@ifce.edu.br)

<sup>2</sup> Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Docente do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Ceará. Currículo Vitae na Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1430657684290117>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5056-3798> E-mail: [elenilce.beatriz@gmail.com](mailto:elenilce.beatriz@gmail.com)

<sup>3</sup> Encontramos as seguintes grafias para o Departamento de Mulheres Trabalhadoras e Mulheres Camponesas criado em 1919: Jenotdiél, Zhenotdel e Genotdel.

<sup>4</sup> Crítica da moralidade burguesa, Kollontai apostava que a camaradagem constituía-se na base da unidade coletivista do proletariado. Nas Cartas à juventude operária, enfatiza: [...] O amor-camaradagem é o ideal que precisa o proletariado no período cheio de responsabilidades e dificuldades em que luta por estabelecer e afirmar sua ditadura. Mas não há dúvida de que, quando a sociedade comunista seja já uma realidade, o amor, "Eros de asas despregadas", se apresentará baixo uma feição completamente renovada, completamente desconhecida para nós. Nesse momento, os "laços de simpatia" entre todos os membros da sociedade nova, se terão desenvolvido e afirmado, a "capacidade amorosa" será bem mais alta e o amor-solidariedade terá um papel de motor análogo ao da concorrência e do amor-próprio na sociedade burguesa? (KOLLONTAI, **O marxismo e a nova moral sexual:** Cartas à juventude operária: Sítio a Eros alado. México D.F.: Editorial Grijalbo, 1977, p. 212 – 215).

<sup>5</sup> Abreviatura da denominação do Ministério da Educação russo cujo nome era Comissariado do Povo para a Educação.

---

<sup>6</sup> [...] a essência do método dos complexos consiste em que ele toma para estudo uma determinada complexidade dos fenômenos (complexo) em sua totalidade, ligações, interações e relações; é preciso ainda agregar: toma-a também em seu desenvolvimento (KRUPSKAYA, 2017, p.318).

Recebido em: 02 de setembro de 2020

Aprovado em: 21 de março de 2021